



DIFERENÇAS ENTRE GÊNERO NO USO DE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Paula Mariza Zedu Alliprandini - Universidade Estadual de Londrina

Camila Fernandes de Lima - Universidade Estadual de Londrina

Diene Eire Bortotti de Oliveira - Universidade Estadual de Londrina

Andreza Schiavoni - Universidade Estadual de Londrina

Financiamento: CNPq , Fundação Araucária e UEL

Resumo:

Este trabalho teve como objetivo verificar se há diferenças no uso das estratégias de aprendizagem utilizadas por alunos matriculados em cursos ofertados na modalidade da educação à distância em função do gênero. Um total de 222 participantes respondeu a um questionário de caracterização dos participantes e a uma escala de avaliação de estratégias de aprendizagem-versão adaptada para educação à distância, contendo 49 itens fechados (SANTOS e BORUCHOVITCH, 2008) e uma questão aberta. Parte da coleta de dados foi realizada online e parte, presencialmente. Os resultados evidenciaram diferenças significativas no uso de estratégias cognitivas, metacognitivas e disfuncionais em função do gênero e evidenciaram que os participantes do gênero feminino são mais estratégicos do que os do gênero masculino. Os resultados trazem importantes implicações educacionais que poderão requerer dos professores e tutores maior atenção em relação a variável gênero, bem como a necessidade de intervenções no uso de estratégias de aprendizagem na educação a distância.

Palavras-chave: estratégias de aprendizagem; gênero; educação a distância.

Ao final do século XX e início do século XXI muitos desafios vieram se apresentando para os educandos no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Esses desafios ganharam novas dimensões com maior presença e disseminação das tecnologias de informação e de comunicação (SIBOLDI E SALVO, 1998, p. 13) e, por conseguinte, ao sistema educativo é atribuída a necessidade de transformações para enfrentar esses novos desafios, trazendo repercussões, sobretudo ao espaço-tempo escolar. (VALENTE, 1993, 2000a, 2000b).

O mundo globalizado tem exigido cada vez mais novos modos de aprender que vêm se traduzindo em aquisição de novos conhecimentos, com educação continuada ou ao longo da vida, como também flexibilidade de raciocínio, domínio de línguas e o domínio da informática.

Neste contexto, a educação a distância aparece com grande força, criando espaços, com a intenção de garantir oportunidades de atualização de competências. Segundo Kearley e Moore (*apud* ABBAD, CORREA e MENESES, 2010, p. 48), esta modalidade de ensino pressupõe novas formas de se comportar dos alunos, como pensar e agir independentemente, fazer escolhas acertadas, refletir sobre sua própria aprendizagem e ter autocontrole sobre suas próprias atividades, considerados pelos autores como decisivos para a efetividade de situações de EaD, caracterizadas pelo baixo diálogo e pela grande distância transacional.

Assim, de acordo com Souza (2006, p. 59), “os métodos do ensino a distância devem buscar reduzir a distância interpessoal promovendo a interação entre professor-aprendiz e aluno-aluno, garantindo a aprendizagem e a transferência de mensagens”.

A partir dessa demanda instalada, os estudos sobre a educação a distância demonstram não só a importância e a necessidade de pesquisas que evidenciem os diferentes modos de ensinar e aprender. Nesse sentido, verificar quais estratégias de aprendizagem tem sido utilizadas pelos alunos do gênero masculino e feminino matriculados em cursos ofertados na modalidade à distância, poderá contribuir no sentido de orientar sobre o melhor uso de estratégias de aprendizagem na educação a distância.

Oliveira, Rego e Villardi (2007) investigaram sobre o uso da internet como espaço virtual de aprendizagem. Para tanto, analisaram os discursos dos fóruns, listas de discussão e e-mails, tendo como referência, categorias retiradas da obra de Jean Piaget. Os autores evidenciaram o predomínio de informação adaptada, mostrando interação entre os interlocutores, assim como o desenvolvimento de competências como a capacidade de pensar categorialmente, utilizar novos recursos lingüísticos, auto-regular o comportamento e aprendizagem, potencializar determinadas áreas cognitivas, criar novas formas de convívio social, afetivo e cultural.

Delaunay (2008), ao abordar a relação dos jovens e adolescentes com as tecnologias, apesar de reconhecer a familiaridade destes com todo o avanço tecnológico, defende que a máquina não pode proporcionar ao indivíduo o aprendizado que lhe proporciona a interação com outras pessoas.

Oliveira, Boruchovitch e Santos (2011, p. 103) apontam que pesquisas mais recentes, como as desenvolvidas por Gomes (2002) e Boruchovitch et al. (2007), parecem indicar uma

possível tendência de que as meninas utilizam mais as estratégias de aprendizagem do que os meninos.

Para Freire (2009, p.277), identificar as estratégias de aprendizagem que podem auxiliar melhor o aluno na compreensão de uma leitura e do conteúdo, precisam ser conhecidas. Pois, o ensino em todas as modalidades tem o papel de favorecer os alunos de estratégias que de fato os ajudem a elaborar e construir os conhecimentos.

Boruchovitch (apud BZUNECK, 2004, p.49) comenta a respeito da importante tarefa da educação, que visa que os alunos se tornem eficazes processadores de informação, tornando-os aprendizes auto-regulados ou experts, o que inclui o conhecimento das diferentes estratégias, bem como saber por que, quando e como usá-las.

A partir dessa demanda instalada, os estudos sobre a educação a distância demonstram não só a importância e a necessidade de pesquisas que evidenciem os diferentes modos de ensinar e aprender. Nesse sentido, verificar quais estratégias de aprendizagem tem sido utilizadas pelos alunos do gênero masculino e feminino matriculados em cursos ofertados na modalidade à distância, poderá contribuir no sentido de orientar sobre o melhor uso de estratégias de aprendizagem na educação a distância.

Dessa forma é de extrema importância discorrer sobre as estratégias de aprendizagem utilizadas pelos alunos na modalidade da educação a distância, pois através delas são realizados procedimentos, no qual há o aprendizado. Os alunos vão se confrontar com situações em que serão desafiados a se esforçarem para ter um controle para a elaboração de tarefas de aprendizagem. “É provável que novos contextos de aprendizagem exerçam efeitos consideráveis sobre as estratégias de regulação utilizadas por estudantes, a ponto de novas estratégias, diferentes daquelas observadas em situações mais tradicionais de ensino, emergirem”. (SALOVAARA, 2005, *apud* ABBAD, CORREA e MENESES, 2010, p. 48).

A partir dessa demanda instalada, os estudos sobre a educação a distância demonstram não só a importância e a necessidade de pesquisas que evidenciem os diferentes modos de ensinar e aprender. Nesse sentido, investigar se há diferenças no uso de estratégias de aprendizagem cognitivas, metacognitivas e disfuncionais em função do gênero por alunos matriculados em cursos ofertados na educação a distância, poderá contribuir no sentido de orientar sobre o melhor uso de estratégias de aprendizagem nesta modalidade de oferta.

Segundo Dembo (1994, *apud* LEME, 2010, p. 25), as estratégias cognitivas estão relacionadas a comportamentos que influenciam a aprendizagem no sentido de que a informação seja compreendida com eficácia. As estratégias metacognitivas abrangem dimensões intrínsecas, a saber, estratégias de planejamento – estabelecimento de objetivos

para o estudo –, estratégias de monitoramento – conscientização sobre a própria compreensão e atenção – e estratégias de regulação – modificação do comportamento de estudo. “Cabe, entretanto, mencionar que a administração de recursos (administração do tempo, organização do ambiente de estudo e pedido de ajuda) também pode ser considerada como estratégias metacognitivas”.

Dessa forma, Dembo (1994, *apud* LEME, 2010, p. 25) explica que, de acordo com Boruchovitch (1999), as estratégias cognitivas têm ligação com o fato de entender, de forma analítica, as partes para compreender o todo. Já as estratégias metacognitivas são vistas como viabilizadores utilizados para planejar, monitorar e regular o próprio pensamento. Assim, para Costa e Boruchovitch (2000, *apud* LEME, 2010, p. 25), as estratégias de aprendizagem cognitivas e metacognitivas devem acontecer juntas para que o aprendizado seja completo. “O aluno pode ter conhecimento sobre si, sobre a tarefa e conhecer diferentes estratégias, porém, se não souber como se apropriar, monitorar e regular seu aprendizado, poderá não ter um bom desempenho”. Ou seja, tanto as estratégias cognitivas quanto as metacognitivas são importantes para o aprendizado e devem estar interligadas, porém cada uma possui sua característica.

Portanto, fica claro que as estratégias de aprendizagem são definidas como técnicas ou métodos que são usados pelos alunos para obtenção da informação. “As estratégias de aprendizagem vêm sendo definidas como seqüências de procedimentos ou atividades que se escolhem com o propósito de facilitar a aquisição, o armazenamento e/ ou a utilização da informação”. (DA SILVA; DE SÁ, 1997, *apud* BORUCHOVITCH, 1999, p. 3).

Pesquisa desenvolvida por Pantoja e Borges-Andrade (2009), com o objetivo de descrever e comparar estratégias de aprendizagem evidenciou que estratégias de aplicação prática e de busca de ajuda interpessoal desempenham papel central nos processos de aquisição, retenção e transferência de novos conhecimentos, habilidades e atitudes no trabalho e encontraram diferentes configurações de uso de estratégias de aprendizagem associadas às categorias profissionais estudadas.

Preto e Riccio (2010) apontam que a formação continuada do professor universitário neste novo contexto deve enfatizar a experiência docente online como parte da necessária imersão no universo da cibercultura. Ainda em relação ao processo de formação inicial e continuada de professores, Tostes (2011) aponta que a mesma deve contemplar o desenvolvimento como atributos principais do professor em ambientes virtuais de aprendizagem, a presença ativa, o relacionamento afetivo, a atenção e a dedicação, de forma a obter melhores resultados nos esforços empreendidos na mediação do desenvolvimento da

aprendizagem.

Em pesquisa realizada por Andrade e Alliprandini (2011), tendo como objetivo analisar a literatura especializada disponível em sites e revistas científicas que abordam sobre o uso de estratégias de aprendizagem na educação a distância, os resultados evidenciaram que há poucos artigos publicados que abordam sobre as estratégias de aprendizagem na educação à distância, o que evidencia a necessidade de pesquisas e publicações que investiguem sobre as estratégias de aprendizagem utilizadas pelos alunos nesta modalidade de ensino. Portanto, considerando que ainda é bastante incipiente a produção científica sobre o uso de estratégias de aprendizagem na educação a distância e que haja esforços para que esta modalidade atinja um ensino de qualidade, seja no que diz respeito ao que depende do aluno, nesse caso o uso das estratégias, ou do educador, metodologias, instrumentos e recursos necessários, uma vez que ele é o mediador desse processo, conhecer como o aluno aprende na educação a distância, se há diferenças entre gênero no uso de estratégias cognitivas ou metacognitivas, se fazem necessárias para a melhoria da qualidade de ensino.

Portando, buscando contribuir para uma reflexão sobre o processo ensino aprendizagem na educação a distância, este trabalho teve como objetivo geral conhecer as estratégias cognitivas e metacognitivas de aprendizagem utilizadas por alunos matriculados em cursos ofertados na modalidade da educação a distância e como objetivo específico, verificar se há diferenças no uso de estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas por alunos matriculados em cursos ofertados na modalidade à distância em função do gênero.

Metodologia

Participantes

Participaram da presente pesquisa um total de 222 alunos matriculados em cursos ofertados na modalidade da educação a distância, sendo que, 93 pertencem à faixa etária de 20 a 25 anos, 100 de 35 a 49 anos e 29 têm mais de 51 anos de idade. No que se refere ao gênero, foi constatado que 132 participantes são do sexo feminino e 90 do sexo masculino.

Instrumentos

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: Um questionário composto por 19 questões fechadas que buscaram caracterizar o perfil do participante e o curso no qual o participante está matriculado e a Escala de Avaliação de Estratégias de Aprendizagem, elaborada por Santos e Boruchovitch (2008), versão adaptada para a educação a distância, com a permissão das autoras, composta por 49 itens fechados, em forma de escala

Likert, sendo 19 relativos às estratégias de aprendizagem Cognitivas, 23 referentes a estratégias de aprendizagem Metacognitivas Positivas e 9 do tipo Metacognitiva Negativas (ou disfuncionais). A Escala foi construída de forma que quanto o maior escore obtido, mais estratégico é o aluno. Nas questões relacionadas às estratégias de aprendizagem Cognitivas e referentes a estratégias de aprendizagem Metacognitivas Positivas, as opções valem 4 pontos para a alternativa “Sempre”, 3 pontos para “Às vezes”, 2 pontos para “Raramente” e 1 ponto para “Nunca”. Esta pontuação tem seu valor invertido para os itens relativos às Estratégias Metacognitivas Negativas ou Disfuncionais (itens: 30, 32, 34, 35, 36, 37 e 39) A pontuação total varia de 49 a 176.

Para utilização do instrumento no contexto da Educação a Distância, foram feitas pequenas alterações nos itens 2, 17, 29, 32, 33, 34 e 40, com a permissão das autoras. Foi incluída uma questão aberta investigando se o aluno (a) utiliza alguma outra estratégia que não tenha sido mencionada no instrumento.

Procedimento

Inicialmente, foi realizado um levantamento na *internet*, utilizando o *site Google*, para verificar quais as Universidades/Faculdades Estaduais, Federais e Particulares que ofertam cursos a distância. A partir deste levantamento, foram verificados os *e-mails* dos responsáveis pela Educação a Distância (EAD) em cada uma das Instituições para que fosse feito um primeiro contato. Na sequência, foi enviada uma mensagem via *e-mail* com a informação sobre a proposta da presente pesquisa e solicitado que se disponibilizassem os *e-mails* dos alunos.

Após a obtenção desses *e-mails*, foi dado início à pesquisa, enviada pela forma *online*, apresentando, inicialmente, informações sobre a pesquisa. Na sequência, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, tendo sido o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, conforme Parecer 092/10.

Havendo a concordância, os dois instrumentos utilizados na pesquisa (questionário de caracterização do participante e do curso no qual está matriculado e a Escala de Avaliação de Estratégias de Aprendizagem – Versão para a educação a distância de Santos e Boruchovitch (2008) foram apresentados. Diante da dificuldade de retorno da pesquisa na forma *online*, o instrumento foi apresentado também na forma impressa e aplicado presencialmente para

alguns participantes.

Resultados e Discussão

Com base nos dados obtidos por meio do questionário que investigou sobre o perfil dos participantes da presente pesquisa, a análise dos mesmos evidenciou que, os participantes da pesquisa cursaram ou se encontravam freqüentando os seguintes cursos na educação a distância à nível de graduação ou pós-graduação: Pedagogia (43); Tecnologia em Logística (27); Tecnologias Assistivas (5); História (1); Administração (13); Gestão Escolar (11); Atendimento Educacional Especializado (2); Gestão em Saúde (1); Ciências Sociais (3); Filosofia (1); Direito Negocial (1); Educação de Jovens e Adultos (1); Contábeis (1); Educação Musical (5); Inclusão Digital (1); Saúde e Segurança no trabalho (8); Design Instrucional para EaD Virtual (1); Sistema de Informação (1) Gestão Pública (10); Formação em EaD (5); Educação Ambiental (1); Educação e Saúde (3); Educação Especial/Inclusiva (2); Técnico em meio ambiente (9); Gestão de Recursos Humanos (5); Gestão Financeira (2); Gerenciamento de Projetos (1); Gestão Aeroportuária (1); Marketing (1); Mestrado em Educação (1); Mestrado em Direito Negocial (1); Mídias na Educação (1); Orientação e supervisão (1); Psicopedagogia (2), Processos Gerenciais (4); Serviço social (1), Sistema da Informação (4); Técnico em Reabilitação de Dependentes Químicos (8); Teologia (12); Terapia comunitária (1). Estes dados evidenciam que a maioria dos participantes da pesquisa estão matriculados ou cursaram a graduação em Pedagogia ou áreas afins ou na área de Gestão/Administração. Onze (11) dos participantes não informaram sobre o curso no qual estão matriculados ou cursaram.

Verificou-se também que, dos 222 participantes, 87 (39,19%) estavam cursando a educação a distância de 0 a 5 meses; 53 (23,87%) de 6 a 12 meses; 30 (13,51%) de 13 a 18 meses e 52 (23,42%) mais de 18 meses. Portanto, a maioria dos participantes estava frequentando o curso no período de 0 a 6 meses.

Os dados obtidos sobre a plataforma utilizada indicaram que a maioria dos alunos utilizam outras plataformas, seguidas pela Moodle e Teleduc, conforme apresentado a seguir: Moodle 93 (41,89%), Teleduc 23 (10,36%) e outras plataformas 106 (47,74%).

A respeito da questão aberta que investigou sobre o uso de alguma outra estratégia de aprendizagem não mencionada na escala, os resultados mostraram que, no geral, os participantes se utilizam de estratégias como: Compartilhar com outras pessoas, como colegas de sala; utilizar imagens ou poesias que representem o conteúdo para melhor assimilá-lo; ler e

depois escrever sobre o que leu; fazer relatórios, anotações para lembrar as atividades; ouvir gravações de matérias; ler revistas, jornais; conversar sobre o assunto estudado com especialistas; relacionar a matéria com alguma coisa do cotidiano; fazer a ligação entre a teoria e a prática, tentando colocar o caso em uma situação real, por meio de exemplos; conferir exercícios (perguntas e respostas) com outros alunos para estudar as respostas, gravar os arquivos de áudio em formato mp3 para ouvir no celular, fazer gráficos de relações entre dados constantes no texto/matéria, usar textos de apoio para ajudar na interpretação, assistir as aulas mais vezes, principalmente os assuntos mais complexos, utilizar vídeos e imagens relacionados aos estudos, usar o notebook sempre que possível (filas, ônibus, etc) e, por fim, simular que está dando aula sobre a matéria para uma classe.

Com base nos resultados da aplicação da escala que avalia o uso das estratégias de aprendizagem na modalidade da educação a distância, foram calculados os escores obtidos pelos participantes referentes ao uso das estratégias cognitivas, estratégias metacognitivas, estratégias disfuncionais e o escore total obtido em função do gênero. De acordo com a escala aplicada, quanto maior o escore total obtido, mais estratégico é o participante.

Estes resultados podem ser observados na Tabela 1:

Tabela 1 – Escores obtidos no uso de estratégias cognitivas, metacognitivas e disfuncionais e Escore total pelos participantes em função do gênero.

Variáveis		Estratégias Cognitivas	Estratégias Metacognitivas	Estratégias Disfuncionais	Total
Gênero	Feminino	57,37	76,93	19,14	155,02
	Masculino	55,39	73,54	20,30	150,51

Na sequência foi realizada a análise de variância aplicada aos escores obtidos para as estratégias cognitivas, metacognitivas e disfuncionais em função do gênero.

Em relação ao uso das **estratégias cognitivas**, a análise dos dados da pesquisa demonstraram diferenças significativas em relação ao gênero [$F_{(1,200)} = 4,78$, $p = 0,0299$]. Os resultados mostraram que os participantes do sexo feminino apresentaram um valor de 57,37 e os do sexo masculino obtiveram um valor de 55,39, ou seja, os participantes do sexo feminino utilizam mais estratégias cognitivas do que os do sexo masculino.

O estudo de possíveis diferenças em diversas habilidades em razão da identidade sexual é algo que tem despertado o interesse científico há muitos anos. Estudos de Bartalo e

Guimarães (2008) apontam que o sexo feminino apresenta maior desempenho em busca de estratégias.

Ao analisar os resultados obtidos no uso de **estratégias metacognitivas** utilizadas pelos participantes relacionados à variável gênero, diferenças significativas foram evidenciadas entre os gêneros masculinos (73,54) e femininos (76,93). [$F_{(1,200)} = 6,14$, $p=0,0140$]. Assim, esta análise permite afirmar que os participantes do sexo feminino demonstram utilizar mais da metacognição quando comparados aos resultados obtidos pelos participantes do sexo masculino.

Estes resultados apresentados na educação a distância, com alunos do ensino superior corroboram os resultados obtidos com participantes do ensino fundamental, em relação a participantes do gênero feminino, uma vez que os dados demonstraram que elas recorriam mais às estratégias metacognitivas do que os meninos. Isso significa que elas conseguiam planejar, monitorar e regular o aprendizado de forma mais eficaz do que os meninos (BORUCHOVITCH e colaboradores, 2007, *apud* OLIVEIRA; BORUCHOVITCH, SANTOS, 2011 p. 103).

A análise sobre o uso das **estratégias disfuncionais** mostrou que os resultados obtidos em relação ao gênero, também evidenciou diferenças significativas ($F_{(1,200)} = 5,26$, $p=0,0228$), sendo que os participantes do sexo masculino (20,30) utilizam mais estratégias disfuncionais do que os participantes do sexo feminino (19,14). Portanto, os participantes do sexo masculino apresentam numa frequência maior o uso de estratégias como por exemplo: escutar música enquanto estuda ou faz os trabalhos, comer enquanto estuda ou faz os trabalhos, estudar ou fazer os trabalhos assistindo televisão quando comparados as participantes do gênero feminino.

Na sequência, estão apresentados os resultados referentes ao **escore total** obtido pelos participantes, sendo que, quanto maior o valor desse escore, mais estratégico é o participante.

Em relação ao gênero, a análise estatística também evidenciou diferenças significativas entre o sexo feminino e masculino [$F_{(1,220)} = 4,55$; $p= 0,034$]. O valor total obtido pelos participantes do sexo feminino 155,02 foi maior que o valor obtido pelos participantes do sexo masculino 150,51. As médias obtidas indicam que os participantes do gênero feminino são mais estratégicos que os participantes do gênero masculino. A partir da aplicação da escala o valor mínimo possível era de 49 pontos e o valor máximo, 196 pontos, o que implica que os participantes do gênero masculino utilizam 76,79% das estratégias possíveis e os do gênero feminino 79%. Para melhor compreensão deste resultado faz-se necessário confrontar dados obtidos por meio da aplicação da mesma escala no ensino

presencial, para que melhor se possa dimensionar o uso das estratégias de aprendizagem neste contexto de ensino.

Tomados em conjunto e de uma forma geral, pôde-se constatar, valendo-se dos resultados obtidos, que há uma diferença estatisticamente significativa em relação ao gênero quando se analisa o uso de estratégias cognitivas, metacognitivas, sendo que os participantes do sexo feminino apresentaram um escore maior em relação aos do sexo masculino. Em relação ao uso das estratégias disfuncionais, como por ex, ler enquanto estuda, ficar nervoso quando está fazendo prova, ou estudar assistindo televisão, os participantes do sexo masculino evidenciaram escores maiores que os participantes do sexo feminino no uso destas estratégias. O escore total obtido evidenciou que os participantes do gênero feminino são mais estratégicos quando comparados aos do sexo masculino. Estes dados apresentados corroboram o estudo desenvolvido por Lins, Araújo e Minervino (2011), que aponta diferenças entre o sexo feminino e masculino no uso das estratégias de aprendizagem, tendo por base a autopercepção do seu desempenho em alunos matriculados do 6º. ao 9º. ano do ensino Fundamental, com idade média de 12 anos e 7 meses. No que diz respeito as estratégias cognitivas e metacognitivas o sexo feminino apresentam pontuações superiores em relação ao sexo masculino. Os autores sugerem a necessidade de que novos estudos sejam realizados visando aprofundar estes resultados.

Sobre o acesso ao ensino a distância, Souza (2006, p. 57 e 58) esclarece que o aluno que escolher um programa de Ensino a Distância deve estar pronto para mudar paradigmas. Mesmo que sejam cursos que oferecem sistema de tutoria, ele precisará de uma nova postura. O aluno vai estar diante de uma nova possibilidade de aprendizagem, na qual será o ator principal. Esta mudança exige que ele adquira hábitos de estudo sistemáticos e eficientes por meio da utilização de métodos e técnicas adequadas.

Conforme afirma Menezes (2006, p. 43), há ferramentas que proporcionam a construção do conhecimento, como os *chats*, fóruns de discussão, comunidades virtuais de aprendizagens, portfólios, provas objetivas e subjetivas.

Neste sentido, assevera Souza (2006, p. 58), o tutor, por ter acesso a diferentes instrumentos pedagógicos, deve proporcionar ao aluno sua interação com os diversos objetos de estudo e conhecimento, colocando-o como sujeito participativo da sua aprendizagem. Menezes (2006, p. 43), por sua vez, defende que o professor deve proporcionar momentos que desenvolvam a autonomia do aluno, de modo que aprenda a buscar o conhecimento. O professor deve disponibilizar o conteúdo por apostila, módulos, hipertextos, *blogs*,

comunidades virtuais de aprendizagem, *links* informativos, constantemente atualizados, e materiais didáticos que representam o conteúdo daquele curso. Cabe ao aluno ter acesso ao conhecimento e interagir com ele. Conforme Brown, Presslei e Levin (apud BORUCHOVITCH, 1999, p.361) “pesquisas têm sugerido que é possível ajudar alunos a exercer mais controle e refletir sobre seu próprio processo de aprendizagem, através do ensino de estratégias de aprendizagem”, cabendo ao professor orientar o aluno sobre estas estratégias, que são ferramentas que podem ser utilizadas sempre, trazendo uma contribuição na compreensão das informações, possibilitando um conhecimento a longo prazo, um conhecimento em que o aluno utilize em situações do seu cotidiano.

A educação a distância tem um atributo que implica uma grande ênfase no autoaprendizado. O aluno deve ser incentivado a estudar e pesquisar de modo independente, dinamizando a comunicação e a troca de informação entre seus colegas de curso, conforme proposto por Moran (2009, p. 59-60) “ajudar os participantes a equilibrar as necessidades e habilidades pessoais e com a participação em grupos presenciais e virtuais”

Souza (2006, p.57) ainda aponta que as atividades em grupos virtuais podem ser feitas em espaços de reuniões *on-line (chats)* ou *off-line (e-mail)*, disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem.

Portanto, desenvolver o uso de estratégias de aprendizagem, sejam elas cognitivas ou metacognitivas pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino, pois o simples uso da ferramenta ou disponibilização dos materiais não garante que o aluno vai ser um exímio processador da informação, tanto no ensino presencial, como na educação a distância, o que vem requerer que o professor/tutor intervenha neste processo, criando condições e incentivando o aluno no desenvolvimento do uso das estratégias de aprendizagem.

Considerações finais

A educação à distância tem se apresentado como uma modalidade de ensino que vem atendendo às diferentes demandas sociais, oportunizando o acesso à formação. Para garantir a qualidade do processo ensino aprendizagem nesta modalidade se faz necessário refletir sobre a contribuição da Teoria do Processamento da Informação, em especial sobre as estratégias de aprendizagem utilizadas pelos alunos na educação a distância. Tal reflexão poderá contribuir sobremaneira para a seleção de materiais e estratégias didáticas eficazes para a consecução do processo de ensino e aprendizagem, em especial na intervenção no uso de estratégias de

aprendizagem. Em especial, este trabalho, ao evidenciar diferenças no uso das estratégias cognitivas, metacognitivas e disfuncionais em função do gênero, indica a necessidade de um aprofundamento maior deste estudo, de forma a promover a aprendizagem do aluno na educação a distância.

Referências bibliográficas

ABBAD, G. da S.; CORRÊA, V. P.; MENESES, P. P. M. A avaliação de treinamentos a distância: Relações entre estratégias de aprendizagem e satisfação com o treinamento. **Revista de administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 43-67. Mar/Abr. 2010. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1954/195414298003.pdf>. Acesso em: 10. Fev. 2011.

ANDRADE, V. F. e ALLIPRANDINI, P. M. Z. A produção científica sobre o uso das estratégias de aprendizagem na educação a distância publicadas no período de 2000 a 2010. In: XX ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – EAIC – X ENCONTRO DE PESQUISA, 2011, Ponta Grossa. **Anais...**Ponta Grossa: EPUEPG, 2011, p. 1 – 4.

BORUCHOVITCH, E. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.12, n.2, p.361-376, 1999.

BZUNECK, J. A. **Aprendizagem por processamento da informação uma visão construtivista**. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José A. (Orgs.). **Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola**. Petrópolis: Vozes, 2004. p.17-54.

DELAUNAY, G. J. Novas tecnologias, novas competências. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 277-293, 2008.

FREIRE, L. G. L. Auto-regulação da aprendizagem. **Ciências & Cognição**, v.14, n.2, p.276-286, 2009.

LEME, É. M. **Estilos e estratégias de aprendizagem: Estudo das relações entre os construtos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2010. Disponível em: <http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/psicologia/uploadAddress/Erika_Monqueiro_Leme%5B13761%5D.pdf>. Acesso em: 13 set. 2011.

LINS, M. R. C.; ARAUJO, M. R. e MINERVINO, C. A. S. M. Estratégias de aprendizagem empregadas por estudantes do Ensino Fundamental. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP, Vol. 15, número 1, p. 63-70, 2011.

MENEZES, L. K. B. Avaliação curricular. In: Avaliação em EaD. 2006. Disponível em: <<http://pt.wikinourau.org/pub/EaD/WebHome/LivroAvaliacaoEmEad24Nov2006.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2011.

MORAN, J. M.. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, K. L.; BORUCHOVITCH, E.; SANTOS, A. A. A. Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental: análise por gênero, série escolar e idade. **PSiCo**, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 1, p. 98-105, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/6273/6305>>. Acesso em: 13 set. 2011.

OLIVEIRA, D. E. M. B e ALLIPRANDINI, P.M.Z. **Reflexões teóricas sobre os estilos de aprendizagem e a prática pedagógica na educação a distância**. In: Daniela Melaré Vieira Barros (Org.). Estilos de Aprendizagem na Atualidade. Disponível em: <http://estilosdeaprendizagem-vol01.blogspot.com/> Acesso em: 07 de outubro de 2011.

OLIVEIRA, E. S. G., REGO, M. C. L. e VILLARDI, R. M. Aprendizagem mediada por ferramentas de interação: análise do discurso de professores em um curso de formação continuada a distancia. **Educ. Soc.**, Campinas, ol. 28, n. 101, p. 1413-1434, 2007.

PANTOJA, M.J. e BORGES-ANDRADE, J. E. Estratégias de aprendizagem no trabalho em diferentes ocupações profissionais. **RAC-Eletrônica**, Curitiba, v.3, n.1, p. 41-62, 2009.

PRETTO, N. de L., RICCIO, N. C. R. A formação continuada de professores universitarios e as tecnologias digitais. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 153-169, 2010.

SIBOLDI, G. e SALVO, M. di. A evolução da informática e as relações afetivas do indivíduo. In: PELUSO, A. (Org.). **Informática e afetividade**. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

SANTOS, A. A. A. e BORUCHOVITCH, E. **Escala de estratégias de aprendizagem para Universitários – EEA-U**. Não publicada. Universidade São Francisco – UNICAMP, 2008.

SOUZA, M. G. de. **Avaliação da interatividade**. In: Avaliação em EaD. 2006. Disponível em: <<http://pt.wikinourau.org/pub/EaD/WebHome/LivroAvaliacaoEmEad24Nov2006.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2011.

TOSTES, S. C. Estratégias mediadoras no ambiente virtual. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n.1, p. 177-197, 2011.

VALENTE, J. A. (Org.). **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. **O computador na sociedade do conhecimento**. MEC. Coleção informática na educação. Disponível em: <<http://www.Estapalavra@uol.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2000a.

_____. **Diferentes usos do computador na educação**. MEC/SEEAD. Disponível em: <<http://www.proinfo.gov.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2000b.

